

## PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS

Por Ana Johann

Roteirista e diretora

Longa-metragem. 2021. 99 minutos

Estreia dia 27 de janeiro às 20h na 24ª Mostra de Cinema de Tiradentes - Mostra Aurora (Online)

Não sei nem por onde começar a escrever dada a profundidade do enunciado, mas quero falar sobre isso e por isso me sento aqui para tecer algumas linhas. Escrever é um ato de pensar sobre, não se trata de se chegar a conclusões repentinas, mas há algum tempo eu comecei a pensar sobre o desejo das mulheres. Se fizermos uma busca, a porcentagem de mulheres que nunca tiveram orgasmos é bastante alta, chega a cinquenta por cento. Se acompanharmos a história das mulheres dentro do nosso sistema de papéis sociais faz poucos anos que é permitido a mulher ter prazer, gozar e isso convenhamos, nem em todos os países.

No longa-metragem “A mesma parte de um homem” parto de uma personagem que vive isolada na vila rural e subserviente no início da sua jornada, se submetendo ao prazer masculino. Logo no início do filme há um incidente (sem dar spoiler) que lança essa mulher ainda mais para o seu pior medo - o de ficar sozinha e sem a segurança que ela aprendeu que um homem poderia proporcionar. Por um ponto de vista também político, escolho escrever um arco de narrativa de comédia, que segundo a autora americana Jill Chamberlein, é quando transformamos uma fragilidade do personagem em força no final. Eu queria partir de um lugar comum e presente na vida de muitas mulheres, mas que ao longo dos acontecimentos, Renata pudesse crescer enquanto pessoa. E aí voltamos a temática deste ensaio. Comecei a pensar que *não acredito que uma mulher possa ser autônoma sem antes conquistar a autonomia do próprio corpo e do seu desejo particular*. Por isso neste filme e em outros que estou escrevendo transformar-se passa também por encarar o próprio corpo, o seu desejo.

Quando ainda estava na pesquisa sobre as cenas de sexo que estão no filme comecei a perguntar a muitos amigos sobre as cenas de sexo preferidas de casais héteros em um filme e como já havia constatado, não havia tantas referências. Também sempre me encomendou como o sexo é tratado em filmes, cumprindo uma certa imagem de tabela também pelo pudor, de casais embaixo dos lençóis. E aqui eu vou abrir um outro aspecto sobre o corpo.

Sempre tive dificuldade em olhar para a violência na tela cinematográfica - sangramentos, cortes expostos, mãos e cabeças inteiras sendo decepadas. Desde o primeiro filme que vi na vida nos cinemas “Guerra dos Canudos” aos dezessete anos, não consigo olhar para uma tela com violência explícita embora consiga examinar bem as violências psicológicas.

Algum tempo atrás dada a necessidade de eu assistir certos filmes e séries como referências para um trabalho, pensei de perder esse medo e encarar a tela, ficar olhando para aquela violência apresentada e ver o que ela apresentava a mim. Mas simplesmente não consigo, algo muito maluco e patético acontece comigo. Eu vejo os

filmes violentos, mas quando chega a uma cena de violência explícita eu me escondo embaixo do lençol e espero passar, meu corpo se retrai. Me ajuda muito assistir com alguém que vê a cena como o meu marido que me diz “*pronto, agora você já pode ver.*” E ainda ele me conta a situação para não perder esta parte para a continuidade da história. Foi assim que vimos “Game of Thrones” juntos.

Hoje em dia já vejo as cenas de violência, mas assim de relance, para não encará-las totalmente. Comecei a pensar em como as pessoas estão acostumadas a verem cenas de violência e não acostumadas a ver a nudez, o prazer, o corpo e o sexo em tela, algo que para mim deveria ser natural. As pessoas suportam ver uma mão sendo decepada e sangrando durante alguns minutos, mas não suportam ver o nu, o corpo, encarar o que somos.

O sexo no cinema, na maioria das vezes é retratado de uma maneira muito ruim, feito embaixo dos lençóis, com elipses que já pulam para o concretizado ou mesmo como já sabemos, explorando o corpo feminino para o prazer masculino.

Com a “A mesma parte de um homem” me interessava muito em falar do prazer desta personagem e ter realmente uma boa cena de sexo. Para mim uma boa cena de sexo precisa proporcionar tesão, passar emoções e estar equilibrada, no sentido de não expor apenas o corpo feminino. Enquanto o sexo acontece, muitas coisas estão acontecendo como pano de fundo, uma narrativa vai se desvelando.

Comecei a questionar também o nu gratuito comentado pelas pessoas. Acho que ele pode ser levado em conta dado a construção social como já mencionei que explora a nudez feminina, mas se isso fosse equilibrado em tela e começássemos a ver cada vez mais pessoas nuas e sentindo prazer, acabaríamos por naturalizar estas situações. Afinal todo mundo fica pelado e todo mundo transa, pelo menos é isso que espero, que as pessoas possam aproveitar o prazer do seu próprio corpo.

O prazer feminino mais do que nunca foi escondido porque é obvio que algumas instituições religiosas sabem do poder do orgasmo feminino. Maria, mãe de Jesus, teve um filho, sem sexo, sem prazer. De uma certa forma, isso se impregnou nas mulheres e se disseminou em um holocausto do orgasmo da mulher.

Enquanto autora, me interessa sucumbir realidades e neste caso é sucumbir a realidade da tela, que as pessoas possam se ver mais em seus prazeres e seus despertares sensuais, afinal acredito que o corpo e o sexo são um caminho para desvelar coisas sobre nós mesmos e do mundo. O orgasmo pode também ser um lugar de lucidez, de ativação de euecas. Quando gozamos felizes ativamos o nosso consciente e inconsciente.

Renata ter um primeiro orgasmo no filme é um ritual de passagem e de iniciação a um mundo novo para a personagem e como bem entenderam os curados da Mostra Aurora do Festival de Tiradentes onde teremos a estreia do filme – *é na descoberta de uma forma de viver o desejo e o gozo que rearticula as formas de resistência.*